

Fabiano Eloy Afílio Batista
(Organizador)

ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

2



Atena
Editora

Ano 2021

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

ARTE

Multiculturalismo e
diversidade cultural

2



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-531-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.317210410>

1. Artes. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II.
Título.

CDD 700

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

É com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, dividida em dois volumes, e que recebeu artigos nacionais e internacionais de autores e autoras de grande importância e renome nos estudos das Artes.

As discussões propostas ao longo dos 39 capítulos que compõem esses dois volumes estão distribuídas nas mais diversas abordagens no que tange aos aspectos ligados à Arte, ao Multiculturalismo e a Diversidade Cultural, buscando uma interlocução atual, interdisciplinar e crítica com alto rigor científico.

Por meio das leituras, podemos ter a oportunidade de lançarmos um olhar por diferentes ângulos, abordagens e perspectivas para uma ampliação do nosso pensamento crítico sobre o mundo, sobre os sujeitos e sobre as diversas realidades que nos cerca, oportunizando a reflexão e problematização de novas formas de pensar (e agir) sobre o local e o global.

Nesse sentido, podemos vislumbrar um conjunto de textos que contemplam as diversidades culturais existentes, nacionalmente e internacionalmente, e suas interlocuções com o campo das Artes, considerando aspectos da linguagem, das tradições, do patrimônio, da música, da dança, dos direitos humanos, do corpo, dentre diversas outras esferas de extrema importância para o meio social, enfatizando, sobretudo, a valorização das diversidades enquanto uma forma de interação e emancipação dos sujeitos.

Os capítulos desses dois volumes buscam, especialmente, um reconhecimento da diversidade e a compreensão da mesma como um elemento de desconstrução das desigualdades, pois enfatizam que se atentar para a diversidade cultural e para o multiculturalismo é respeitar as múltiplas identidades e sociabilidades, de forma humana e democrática.

A coletânea **“Arte: Multiculturalismo e diversidade cultural”**, então, busca, em tempos de grande diversidade cultural, social e política, se configurar como uma bússola que direciona as discussões acadêmicas para o respeito às diversidades, sobretudo nas sociedades contemporâneas.

Ressaltamos ainda, mediante essa coletânea, a importância da divulgação científica, em especial no campo das Artes e, especialmente, a Atena Editora pela materialização de publicações de pesquisas que exploram e divulgam esse universo, sobretudo nesse contexto marcado por incertezas e retrocessos no campo da Educação.








Ademais, espera-se que os textos aqui expostos possam ampliar de forma positiva os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, oportunizando o surgimento de








novas pesquisas e olhares sobre o universo das Artes, do Multiculturalismo e da Diversidade Cultural.







A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISIS DE LA PRÁCTICA ARTÍSTICA MULTIDISCIPLINAR, UNA REFLEXIÓN SOBRE EL ESTILO EN EL ANÁLISIS DE LA OBRA DE J. BARBI Y R. GREGORES	
Laura Navarrete Álvarez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104101	
CAPÍTULO 2	14
ARTE E ATIVISMO AMBIENTAL NA POÉTICA DE FRANS KRAJCBERG	
Regina Lara Silveira Mello	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104102	
CAPÍTULO 3	21
AS PAIXÕES DO ITALIANO MECARELLI: FOTOGRAFIA E PARATY	
Paulo Fernando Pires da Silveira	
Artur Cesar Isaia	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104103	
CAPÍTULO 4	35
PATRIMONIO CULTURAL INMATERIAL EN EXPRESIÓN DRAMÁTICA CON SÉNIORES	
Fernando José Sadio-Ramos	
María Angustias Ortiz-Molina	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104104	
CAPÍTULO 5	44
POLÍTICAS CULTURAIS NA BAIXADA FLUMINENSE: UMA ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DO ESTADO NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS – RJ	
Marlon Santos Dias	
Janaína Machado Simões	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104105	
CAPÍTULO 6	57
POLÍTICA CULTURAL PARA AS ARTES: EM BUSCA DE UM CURTO-CIRCUITO	
Carlos Dalla Bernardina Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104106	
CAPÍTULO 7	65
DIREITOS HUMANOS INTERCULTURAIS E EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA LEITURA SOB ALENTE DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	
Cleide Emília Faye Pedrosa	
Alzenira Aquino de Oliveira	
Juliana Barbosa Alves	
João Paulo Lima Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104107	

CAPÍTULO 8	80
A SENTENÇA SOCIAL E OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO INTERIOR DAS COMUNIDADES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL A PARTIR DO POVO GUARANI-KAIOWÁ, VIABILIZANDO AS MULHERES INDÍGENAS	
Ana Carolina de Oliveira Campos José Manfroi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104108	
CAPÍTULO 9	96
OS SENTIMENTOS QUE MULHERES NEGRAS EXPRESSAM EM ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS	
Michele Mara Domingos Rosemyriam Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3172104109	
CAPÍTULO 10	109
CARÁ-ROXO (<i>DIOSCOREA TRIFIDA</i>): A POSSIBILIDADE DE UM RESGATE DE HÁBITOS NA ALIMENTAÇÃO ALAGOANA	
Polianny Gusmão Remigio Costa Amanda Christina Simplício Calheiros Cristiana Purcell	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041010	
CAPÍTULO 11	116
DE FIORI NO LIMBO	
Marcos Faccioli Gabriel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041011	
CAPÍTULO 12	132
A ILUSTRAÇÃO DO VAZIO	
Mário Sette	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041012	
CAPÍTULO 13	140
PINTORES CANARIOS ACTUALES EN UNA ESTÉTICA DEL PAISAJE. PAISAJES NEORROMÁNTICOS Y VISIONES DEL PAISAJE EN LOS LÍMITES DE LA ABSTRACCIÓN	
David Manuel Méndez Pérez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041013	
CAPÍTULO 14	157
TUNGA: JOGO DE AFINIDADES	
Wellington Cesário	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041014	

CAPÍTULO 15	163
RÉPLICAS DO “EFEITO BILBAO”: A NOVA GERAÇÃO GLOBAL	
Jordi Oliveras Samitier	
Mila Nikolić	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041015	
CAPÍTULO 16	175
DOCUMENTÁRIO; VIDEOARTE – DO BRASIL PARA O MUNDO, DO MUNDO PARA O BRASIL	
André Hallak Martins da Costa Camilo Guimarães de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041016	
CAPÍTULO 17	188
HOW TO PLAY MODERN BASSOON IN A CONTINUO SECTION WITHOUT LOSING THE RESPECT OF YOUR COLLEAGUES	
Mathieu Lussier	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041017	
CAPÍTULO 18	200
ITINERÁRIO FOTOGRÁFICO DE PAULA SAMPAIO EM “ANTES DO FIM”	
Melissa Barbery Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041018	
CAPÍTULO 19	210
QUADRILHA JUNINA NO CONTEXTO DO RN: GÊNERO E SEXUALIDADE, PAUTAS LEVANTADAS NO ÂMBITO DA MANIFESTAÇÃO POPULAR	
Douglas Barros Gomes	
Marcilio de Souza Vieira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041019	
CAPÍTULO 20	214
PINTURAS NORDESTINAS: UMA RELEITURA DE ARTISTAS POPULARES BRASILEIROS, SOB A ÓTICA DE JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA NO DISTRITO FEDERAL	
Anna Rosa Scherma de Oliveira	
Claudia Candida de Oliveira	
Jaqueline Ornelas de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.31721041020	
SOBRE O ORGANIZADOR	226
ÍNDICE REMISSIVO	227

CAPÍTULO 1

ANÁLISIS DE LA PRÁCTICA ARTÍSTICA MULTIDISCIPLINAR, UNA REFLEXIÓN SOBRE EL ESTILO EN EL ANÁLISIS DE LA OBRA DE J. BARBI Y R. GREGORES

Data de aceite: 21/09/2021

Laura Navarrete Álvarez

Universitat de Barcelona, Facultat de Belles
Arts
Vigo - España

ANÁLISE DA PRÁTICA ARTÍSTICA MULTIDISCIPLINAR, UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTILO NA ANÁLISE DA OBRA DE J. BARBI E R. GREGORES

RESUMO: Será apresentada a obra de dois artistas galegos, Jorge Barbi e Rober Gregores, ambos com peças especialmente variadas, e será revista desde uma perspectiva sistémica, para investigar, entre outras coisas, como o facto da “autoria” afecta, ou onde o estilo está em artistas como eles. Do ponto de vista de Jack Burnham, é uma questão de “software”, trata-se de permanecer na mesma posição ou equivalente em relação ao sistema completo.

PALAVRAS-CHAVE: Autor, arte-sistema, estilo, lógicas operacionais.

ANALYSIS OF MULTIDISCIPLINARY ARTISTIC PRACTICE, A REFLECTION ON STYLE IN THE ANALYSIS OF THE WORK OF J. BARBI AND R. GREGORES

ABSTRACT: One will present the work of two Galician artists, Jorge Barbi y Rober Gregores, both with specially varied pieces, and they will

be checked from a systemic perspective, to investigate among other things how it affects the fact of the “authorship”, or where it takes root in the style in artists as them. From Jack Burnham’s perspective it is a question of “software”, it is a question of supporting in the same position or in the equivalent one, with regard to the complete system.

KEYWORDS: *Author, Systems art, style, operational logics.*

1 I REVISIÓN DEL ARTÍCULO: JORGE BARBI DESDE UNA PERSPECTIVA BURNHAMNIANA

La invitación al presente, libro implicaba hacerlo con una artículo publicado años atrás¹. Pero tanto en la escritura como en el arte la visión de los autores es transformada con el paso del tiempo, de tal manera que un mismo tema sería abordado de maneras diferentes dependiendo de la época en la que se trate.

Llegado este momento, sucede en el mundo del arte, que en ocasiones para cortar con una etapa, se hacen quemadas, como la de Richter, Baldessari, o la de Marta Minujín, ya planteada esta última, como si de una obra más se tratase, (y titulada, como apunta Olivier Debrouse, “Su primer Happening”).

Y a partir de ese momento, un autor puede continuar ya sin el peso de esas obras, que mientras aún existan, lo limitan a uno al

¹ “LA LÓGICA DE LA EXPRESIÓN MULTIDISCIPLINAR DE JORGE BARBI, DESDE UNA PERSPECTIVA SISTÉMICA”, revista *Croma*

definirlo (ya que como más adelante se apunta en el artículo del que hablamos, es la obra la que hace al autor).

Es por ésto, que con frecuencia, volviendo a un texto escrito en el pasado, se encuentran nuevos hallazgos, o cambios en el modo de verlo.

El artículo en cuestión, es una reflexión sobre el estilo, y a dónde se desplaza cuando los medios que utiliza un artista son muy diversos.

El estilo es una palabra connotada, polisémica y malinterpretada como lo es la palabra arte.

Convendría entonces, para no incurrir en malentendidos, hacer algunas aclaraciones sobre esta palabra, ya que el hecho de no hacer esta puesta en común, a menudo ha tenido como consecuencia, resultados infructuosos en debates de cierta importancia².

Cuando hablamos de estilo en arte, muchas veces puede entenderse como el conjunto de aquellas cualidades distintivas que permiten agruparlas o categorizarlas en un movimiento concreto.

Burnham, al inicio de su libro *The Structure of Art*, nos advierte, que el trabajo que hicieron los críticos e historiadores de arte, estableciendo una serie de categorías, clasificaciones, y nombres de movimientos que nos permitan hablar de un conjunto de obras o artistas, lejos de ayudarnos, en muchas ocasiones nos obstaculizó.

Pero este texto no se ocupa de esta acepción del estilo, sino más bien del estilo individual. Aunque también es cierto que no podemos hablar de éste, como algo que transcurre al margen del contexto en el que se inserta un sujeto, de su *Zeitgeist*, o como diría Hegel, de su “*Geist seiner Zeit*”.

Y habiendo aclarado que nos ocuparemos del estilo en su consideración sobre lo particular ¿quienes son esos autores a los que deberíamos recurrir para hablar de un tema como este?

Sin ánimos de profundizar demasiado en el tema, un autor pertinente para completar el artículo dado el enfoque del texto sería Lacan, cuando dice “El estilo es el hombre mismo”, y es que, desde el punto de vista psicoanalítico, es precisamente “su marca” lo que lo distingue a uno como sujeto particular.

En segundo lugar, ya desde un lugar más próximo a las artes plásticas, pero retomando aún esta visión lacaniana, está Juan Luis Moraza, que en su texto *El deseo del artista*, retoma a Lacan para citarlo en su afirmación “El estilo, es el sujeto en su singularidad”, y continúa preguntándose acerca de la relación existente entre el estilo y el deseo “¿Es acaso el estilo -en toda su variabilidad personal y cultural- la manifestación del deseo?”, ésto le lleva a plantearse una serie de preguntas sobre el hecho artístico y el deseo del artista, ¿cuál es el mayor deseo de un artista: el deseo de hacer arte o el de ser

² En el libro *Ciencia, orden y creatividad*, Peat y Bohm, ponen como ejemplo de la importancia del acuerdo previo sobre el significado de las palabras, los diálogos entre Bohr y Einstein, que según estos, se alejaron de un posible entendimiento, simplemente debido al uso no aclarado del lenguaje, Bohm y Peat (2007).

artista?

En cualquier caso, no es objetivo del presente capítulo indagar de una manera rigurosa sobre la cuestión del estilo en el arte, sino más bien, a través del análisis de la obra de dos artistas que experimentan con diferentes medios, hacer una pequeña reflexión que aborde esta cuestión. Y que gracias a la reunión de las voces de los autores que se reflejan en él, y los dos casos de estudio, se pueda aportar algo, frente a las confusiones que a menudo se producen con el uso de esta palabra, cuando es empleada dentro de las artes. Para ello, aunque se haga referencia diferentes autores, habiendo aclarado que de hacerse una revisión actual, se incluirían otras perspectivas, en este caso gran parte el enfoque se hará desde la perspectiva de Jack Burnham, que con su propuesta sistémica y metodológica, ofrece diferentes metáforas útiles en este análisis.

Habiendo hecho estas aclaraciones, se presenta a continuación el artículo original al que nos referimos:

2 | INTRODUCCIÓN: JORGE BARBI DESDE UNA PERSPECTIVA BURNHAMNIANA

Jorge Barbi ha sido muchas veces definido como un artista inclasificable, se ha llegado a afirmar la carencia de una voluntad de estilo en su obra, pero, aunque ciertamente esta no debe de ser una de sus preocupaciones, ¿acaso radica el estilo necesariamente en la forma externa o en el medio?.

Burnham con su teoría del arte sistema, al igual que Krauss en la “La escultura en el campo expandido”, ponen la atención en las lógicas operativas que subyacen a las formas y a las prácticas artísticas. Desde esta perspectiva, ya vemos a Barbi de otro modo, la coherencia se mantiene en cada pieza, independientemente de la variedad de sus materiales y medios, las conexiones no visibles entre las obras, apuntan hacia un mismo origen.

Siempre se repiten ciertos elementos: lo incontrolable, el azar, una mirada curiosa, y un respeto profundo a la naturaleza. En Barbi conviven en perfecta armonía piezas de naturaleza contraria, pareciera, que ha podido mantenerse al margen de ciertas obligaciones de posicionamiento en debates clásicos, y de clasificación o afiliación a un movimiento o estilo concreto. De esta forma, ha sabido adelantarse a su tiempo, con formas y actitudes más comunes en la práctica artística actual.

A día de hoy, es tan común como esta tendencia al encasillamiento o a la especialización, ese otro el tipo de artista multidisciplinar cuya identidad se revela a través del nexo común entre sus variadas obras, otro ejemplo de este tipo, es Rober Gregores, un artista novel, que en este aspecto tiene una actitud similar a la de Barbi.

2.1 Burnham, la desmaterialización del objeto artístico, y el arte-sistema:

Tres años antes de que Lucy Lippard publicase *The Dematerialization of the Art Object* from 1966 to 1973, Jack Burnham nos hablaba de algo similar en su texto la cabeza de Alicia. Aunque ya era un tema tratado desde los 60 (LIPPARD Y CHANDLER 1968, pp. 46-50).

Para ello nos ponía de ejemplo el pasaje en el que Alicia se encuentra con Chesire:

“Well! I’ve often seen a cat without a grin,’ thought Alice, ‘but a grin without a cat! It’s the most curious thing I ever saw in all my life!” (BURNHAM, 1970).

Este pasaje le servía a Burnham como metáfora de lo que ocurría en ese momento con el arte conceptual. Las nuevas expresiones artísticas estaban desprovistas de los materiales asociados con las disciplinas tradicionales.

Sin embargo no fue esta, ni la única ni la mayor aportación de Burnham a la historia del arte. Es destacable también, por ejemplo su aportación de la idea de software como metáfora del arte, que está intrínsecamente ligada a su teoría del arte-sistema, que es lo que nos atañe para este caso.

A la conclusión de *Más allá de la escultura moderna* (1968) había escrito:

“As a result, the cultural obsession with the art object is slowly disappearing and being replaced by what might be called “systems consciousness.” Actually, this shifts from the direct shaping of matter to a concern for organizing quantities of energy and information.” (BURNHAM, 1968, p. 369).

Burnham estaba muy interesado en la expresiones artísticas que empleaban las nuevas tecnologías, así como también en las interferencias producidas entre el arte y la ciencia. Sin embargo, no por ello perdía su capacidad crítica, llegando a afirmar que la mayor parte de estas expresiones estaban en un nivel muy ingenuo de creación.

En una entrevista² Burnham explica:

The most sophisticated artists in the twentieth century have all been artists – Paul Klee, Picasso, Marcel Duchamp, Jasper Jones – who had a fine appreciation of the whole history of western art. They weren’t that naives. And the computer artists I saw working were naives. It’s as if they took a dog and cut off his tail and said: Well, who worked with the tail of the dog? – You know it’s dead. It doesn’t make any sense. They didn’t have the understanding of the whole dog. You know, they took a part of a system and said: We gonna make art out of this.

D.: Is it only a problem of artists who work with computers or a problem of engineers, scientists and technological people in general?

No, it’s this kind of problem: It’s a software-hardware problem. People on a level of Jasper Johns or Anselm Kiefer or Paul Klee or Picasso or a dozen others – Mondrian, they are working at a very, very high level of software. Most of the computer artists I see are working on a high level of hardware but the software is like, you know, Kinderspiel, you know, it’s nowhere, it’s so simple. (BURNHAM, 1970).

³ http://www.t-h-e-n-e-t.com/html/_film/pers/_pers_burnham_R.htm

2.2 Jorge Barbi

Para ejemplificar su compleja catalogación, podríamos consultar el texto de la web de “La fábrica” donde exponen su trabajo:

Su actividad artística, desarrollada a partir de los años ochenta, no puede ser fácilmente integrada en ninguna de las tendencias que han caracterizado el arte español de estas últimas décadas... Sus obras no persiguen una voluntad de estilo, ni tampoco muestran interés por evidenciar la marca de autor, sino que tratan, simplemente, de evitar toda visión predeterminada y adoptar la forma adecuada en cada momento y en cada lugar. Así, sus obras pueden resolverse, en soportes tan dispares como un objeto, una fotografía digital, un dibujo a tinta, una instalación o una intervención en el espacio público, aunque siempre adaptándose magistralmente a la circunstancia...

Sin embargo, es quizás esta visión material a la que estamos acostumbrados en la tradición artística, la que hace que esperemos hallar este “estilo” o “marca de autor”, en sus materiales y formas externas, (y parece lógico por tanto, que en las obras artísticas contemporáneas, al no poseer en muchos casos estas cualidades materiales, se desplace el estilo hacia otros lugares del acto creativo). Veremos que en esta misma web explican que a pesar de la diversidad técnica con que elabora su trabajo, hay sin embargo, elementos que se repiten constantemente en sus obras y que unifican su larga trayectoria, como el paso del tiempo, el azar, el humor, o los juegos de sentido del lenguaje.

Para analizar la obra de Barbi desde esta perspectiva sistémica propondremos algunas obras bastante diferentes entre ellas, como pueden ser “*El final del camino*”, “*Little Bang*”, o “*Green paths, White paths*”.

La instalación “El final del camino”, programada dentro del proyecto expositivo ON THE ROAD, se trata de una obra site specific, concebida para el cementerio del parque de Bonaval. La obra consiste en atribuir un color al frente de cada nicho, según la religión de la persona que yazca en él. A la entrada encontramos un atril, con la explicación de la equivalencia cromática. El resultado pese a ser una intervención sobre un material objetual, a nivel formal resulta muy pictórico, recuerda incluso, salvando las diferencias, a algún cuadro de Gerard Richter. Este juego con equivalencia de las religiones y los colores es la brecha que nos brinda la invitación de lo incontrolable, de poder introducir el azar en la obra, y dejar el resultado más allá de las manos del creador.



Figura 1. Jorge Barbi, “*El final del camino*”, 2014, Intervención en el cementerio del parque de Bonaval, Santiago de Compostela, dentro del proyecto expositivo: “ON THE ROAD”.

Fuente: propia.

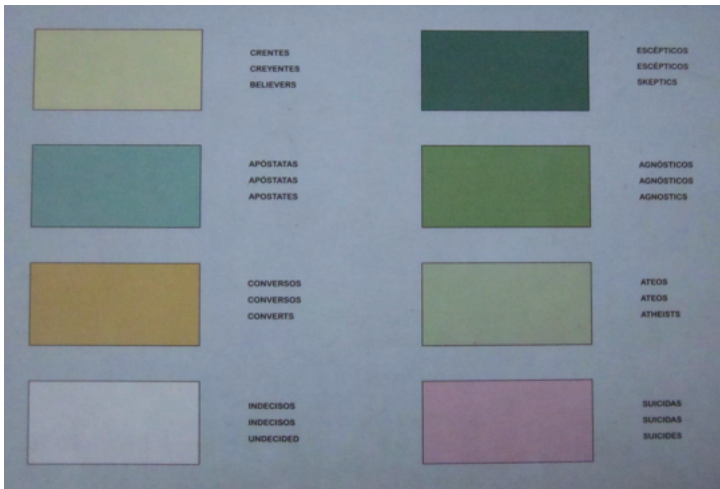


Figura 2. Jorge Barbi, Detalle placa de la intervención “*El final del camino*”, 2014, Intervención en el cementerio de Bonaval, Santiago de Compostela, dentro del proyecto expositivo: “ON THE ROAD”.

Fuente: propia.

Esta intervención está muy en consonancia con multitud de obras contemporáneas que trabajan a partir del procesamiento de datos, como las sonificaciones, u obras más próximas a la visualización de datos como las de Michael Najar. Al respecto de esto, Lev

Manovich explica que puede ser una cuestión de época:

La forma tradicional de visualizar la información ya no es válida. Necesitamos técnicas que nos permitan observar los vastos universos de los media para poder detectar rápidamente multitud de patrones de interés. Estas técnicas tienen que ser compatibles con la capacidad de procesamiento de información del ser humano y, al mismo tiempo, conservar una cantidad suficiente de detalles de las imágenes originales, video audio o experiencias interactivas para permitir su estudio (MANOVICH, LEV, 2012, p. 1).

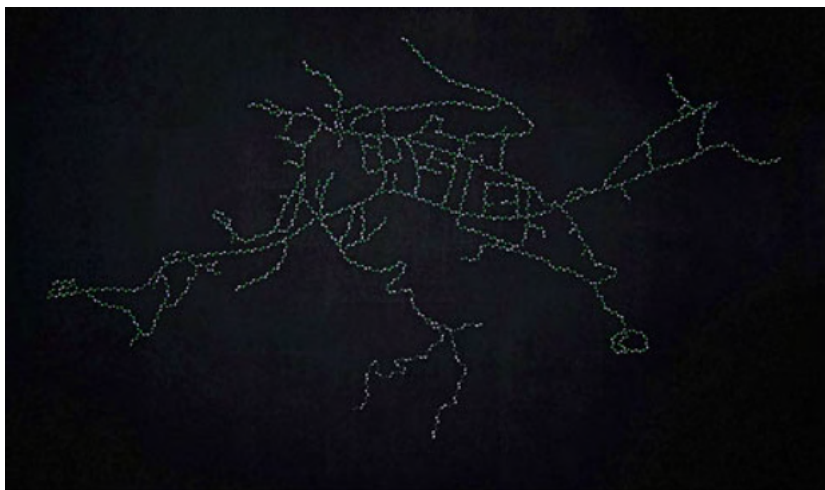


Figura 3. Jorge Barbi, *White paths, green paths* 2006 Echigo Tsumari Art Triennial 2006, Matsudai, Japón.

Fuente: <http://www.jorgebarbi.com/>.



Figura 4. Jorge Barbi, *Little Bang*, 1993, Chapa de acero inox.sobre tablero de contrachapado y bastidor de aluminio. Pintura negra e impacto de perdigones. 150 x 240 cm.

Fuente: www.jorgebarbi.com

En “*White paths, green paths*” Barbi visualiza mediante diferentes gráficos cómo varían los caminos en las diferentes estaciones del año.

Little Bang, es otro ejemplo: una chapa de acero con pintura negra, sobre la que van impactando los perdigones, y así, van dejando sus huellas.

En estos casos Barbi da una conversión visual a una serie de datos, el resultado es próximo a las obras de visualización de datos, y en este caso también llevan a la toma de conciencia de un patrón. El azar y la naturaleza continúan como dos constantes en toda su obra.

2.3 Rober Gregores

Dado que Jorge Barbi es un artista ya consagrado y reconocido, con una trayectoria artística considerable, he considerado oportuno, para un contexto como este establecer estas mismas conexiones y paralelismos con un artista novel, como es Rober Gregores, además, creo que esta visión sistémica se apreciará mejor, si la observamos de forma comparativa en dos artistas.

El caso de Rober nos sirve para ejemplificar estas cuestiones que exponíamos también con la obra de Barbi.

Como ejemplo de su multidisciplinariedad proponemos las siguientes obras:

2.3.1 “*Diálogo entre dos personas*”



Figura 5. Rober Gregores, *Diálogo entre dos personas*, 2011. Fuente: Youtube.

Fuente: <https://www.youtube.com/watch?v=P-QniGvZuO4>

2.3.2 Tengo que ser como:

Vista instalación, imagen:

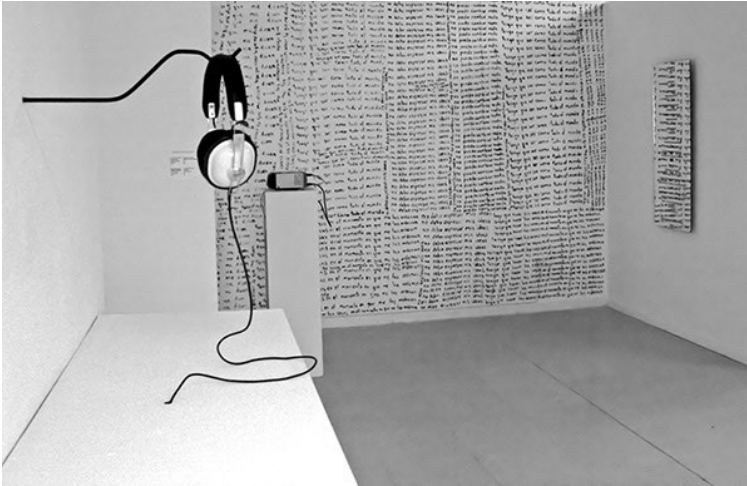


Figura 6. Rober Gregores, 2012. Vista instalación tengo que ser como.

Fuente: https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/disp/664b6d8880177.560c4f1da5f45.jpg

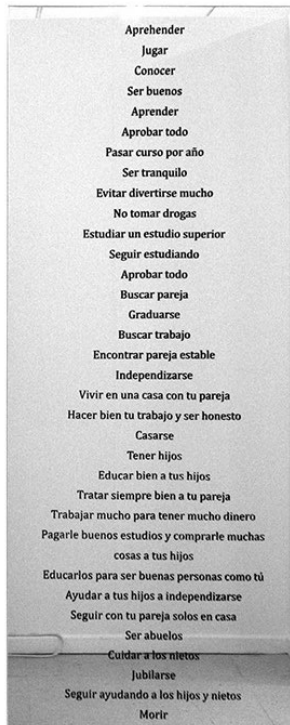


Figura 7. Rober Gregores, 2012. Vista espejo perteneciente a la instalación *Tengo que ser como*.

Fuente: https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/disp/703e588880177.560c50441f3cc.jpg

2.3.3 Invitación pro igualdad:



Figura 8. Rober Gregores, 2015. Imagen acción *Invitación pro igualdad*.

Fuente: https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/disp/7d6f9925366763.563444d4bbb6d.png



Figura 9. Rober Gregores, 2015. Imagen acción *Invitación pro igualdad*. Pontevedra.

Fuente: https://mir-s3-cdn-cf.behance.net/project_modules/disp/18dce625366763.563444e2f0b46.png

En las obras de Rober una vez más, nos encontramos con soluciones plásticas muy diferentes entre sí, algunas con soluciones formales más matéricas como en el caso de “Tengo que ser como”, hasta obras más inmateriales como las otras dos.

De cualquier modo, lo interesante es quizás el patrón común. Rober suele estar interesado en evidenciar los patrones de los comportamientos culturales establecidos, nos los señala, y nos invita a repensarlos, a cuestionarlos, a preguntarnos si debemos seguir ciertos caminos por tradición.

En un texto que podemos encontrar en su web explica:

En mi práctica artística evito encasillarme en una única disciplina, así como no me interesa la técnica por la técnica, las concibo como herramientas y vehículos que me sirven para acercarme a lo que quiero decir.

A veces, el concepto que acompaña a la obra se encuentra en un estado pre-consciente y me resulta más interesante trabajar con ese algo que no puedo controlar, que lo que resultaría de un saber hacer, de seguir un método de creación prefijado.

Creo que aferrarse a una única forma de crear es acabar con la propia creación, en mi metodología de trabajo intento abrirme a diferentes vías para llegar a una idea. Busco hacer algo nuevo de maneras diferentes, evito crearme hábitos de trabajo que me llevarían a la reiteración y el estancamiento creativo. (ROBERTO GREGORES, 2015).

Al principio del texto hablábamos de la visión de Burnham y Lucy Lippard acerca de la desmaterialización del objeto artístico, otro de los textos claves que trata el tema de la dilución de los límites de las antiguas disciplinas, y la multidisciplinariedad, es el de Rosalind Krauss, “La escultura en el campo expandido”, en el que explica:

Pero lo que parece ecléctico desde un punto de vista puede verse como rigurosamente lógico desde otro pues dentro de la situación del posmodernismo, la práctica no se define en relación con un medio dado -escultura- sino mas bien en relación con las operaciones lógicas en una serie de términos culturales, para los cuales cualquier medio -fotografía, libros, líneas en las paredes, espejos o la misma escultura- pueden utilizarse.

3 I CONCLUSIÓN

En ambos ejemplos, su “estilo” lo hallaríamos en sus lógicas operativas, o por lo menos en lugares diferentes de su formalidad externa, puede ser en sus motivaciones, en sus modus operandi, o en sus referentes recurrentes.

Quizás, esta asociación del estilo con una apariencia externa en el arte, sea una influencia del la publicidad, la imagen corporativa y la construcción de la idea de marca.

Antonio Campillo ha estudiado el tema de la autoría (basándose en M. Foucault y J. Derrida), y para explicar que no radica en el estilo, pone como ejemplo la problemática que surge al analizar el caso de aquellos autores que tienen obra con distintos estilos: entonces, explica, que la autoría no radica en el estilo de una u otra pieza, sino en la suma de todas esas voces, y añade, que no es el autor quien hace la obra, sino ésta la que hace al autor. (CAMPILLO, A. 1992, p. 25-46)

Del mismo modo, Carl Gustav Jung, en el libro *Sobre el fenómeno del espíritu en*

el Arte y en la Ciencia, explica que no es Goethe quien crea a Fausto sino, que es Fausto quien hace a Goethe, (JUNG, 2014, 159).

Ambos autores al igual que Jack Burnham proponen una visión que abarca un sistema algo mayor, una visión del acto creativo menos antropocéntrica y concentrada en fuerzas y relaciones surgidas desde diferentes direcciones.

La palabra estilo deviene del nombre de la herramienta con la que se tallaba la tábula al escribir. De alguna forma cada herramienta condicionaba el trazo que producía. Pero de existir un “estilo” en los artistas será probablemente una expresión inevitable o inconsciente, (a mayores de los intentos conscientes).

Probablemente en la época de las tradiciones clásicas fuese una cualidad útil, indicadora de la autoría o indicio de otros elementos de interés. Tras la desmaterialización del objeto, la cuestión del “estilo”, puede resultar útil a la hora de crear una imagen de marca, pero esta persecución probablemente en muchos casos sea limitadora de la creatividad.

REFERENCIAS

ÁLVAREZ, Roberto. **Diálogo entre dos personas**. 2013. Disponible em: <https://www.youtube.com/watch?v=P-QniGvZuO4>. Acesso em: 07 jul. 2021.

ÁLVAREZ, Roberto. **Tengo que ser como**. 2013. Disponible em: <https://www.behance.net/gallery/8880177/Tengo-que-ser-como>. Acesso em: 07 jul. 2021.

ÁLVAREZ, Roberto. **Invitación pro igualdad**. 2013. Disponible em: https://www.behance.net/r_agregores/wip. Acesso em: 07 jul. 2021.

BARBI, Jorge, texto descriptivo sobre el artista. Disponible em: http://www.lafabrica.com/es/galerias-artistas/44/jorge_barbi. Acesso em: 07 jul. 2021.

BOHM, David; PEAT, David. **Ciencia, orden y creatividad**: las raíces creativas de la ciencia y la vida. 4. ed. Barcelona: Kairós, 2007. 299 p.

BURNHAM, Jack (1970) **Alice's Head: Reflections on Conceptual Art** in *Artforum*, Vol. 8, No. 6 (February 1970) pages 37-43. Reprinted in *Great Western Salt Works: Essays on the Meaning of Post-Formalist Art* (New York: George Braziller, 1974, 47.

BURNHAM, Jack (1970), **Beyond Modern Sculpture: The effects of science and technology on the sculpture of this century**. New York: George Braziller, 1968. Library of Congress Catalog Card Number: 68-16106.

BURNHAM, Jack (1974 [1968]) **System Esthetics**, in *Jack Burnham, Great Western Salt Works: Essays on the Meaning of Post-Formalist Art*, New York: George Braziller.

BURNHAM, Jack, entrevista, disponible en la url: [Última visita: 29/12/2015] http://www.t-h-e-n-e-t.com/html/_film/pers/_pers_burnham_R.htm#anker5

CAMPILLO, Antonio, **El autor, la ficción, la verdad**, en *Daimon*, 1992.

CROMA 7 Revista, Estudios Artísticos Volume 4, número 7, janeiro–junho 2016.

KRAUSS, Rosalind, **La escultura en el campo expandido** (1979), (Artículo publicado originalmente en la Revista *October* N° 8, 1979, New York-USA), incluido también en el libro *La postmodernidad*. 1985, Barcelona, Kairós.

LIPPARD, Lucy (ed.) (1973) **Six years: the dematerialization of the art object from 1966 to 1972**, (reprinted 1997) Los Angeles: University of California Press.

LIPPARD, Lucy & Chandler, John (1999 [1968]) **The Dematerialization of Art**, in *Alberro & Stimson (eds.) Conceptual Art: A Critical Anthology*, London: MIT Press.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre el fenómeno del espíritu en el arte y en la ciencia**. Madrid: Trotta, 2014.

MANOVICH, Lev. (2012). **¿Cómo ver 1000000 de imágenes?**. Disponível em: http://www.deforma.info/es/product.php?id_product=24. Acesso em: 27 dic. 2015

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afinidades 157, 158, 159, 161, 162, 206

Alagoas 109, 110, 111, 112, 113, 114

Alegorias 132, 138

Análise crítica do discurso 65, 66, 67, 71, 76, 78

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 26, 28, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 107, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 125, 128, 130, 132, 133, 137, 138, 139, 154, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 185, 187, 200, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 222, 226

Arte contemporânea 14, 132, 157, 166, 167, 169, 175, 187

Arte moderna no Brasil 116

Arte-sistema 1, 4

Artes visuais 175, 186

Arte urbana 163

Articulação 53, 99, 100, 127, 188

Autor 1, 2, 5, 11, 13, 16, 18, 21, 29, 60, 103, 122, 132, 133, 137, 158, 159, 160, 176, 179, 185

B

Baixada Fluminense 44, 49

Baixo contínuo 188

C

Cará-roxo (dioscorea trifida) 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cinema 29, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 223, 226

Colonização 80, 81, 86, 89, 222

Comunidades indígenas 80, 82, 84

Criatividade 14, 42, 58, 219

Cultura 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 110, 115, 122, 125, 130, 155, 156, 163, 164, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 186, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 223, 226

Cultura urbana 163

D

Dignidade humana 69, 80, 82, 85, 90, 92, 93

Direitos humanos interculturais 65, 67, 68, 69, 71

Documentário 57, 58, 120, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

E

Escultura moderna 4, 116

Estilo 1, 2, 3, 5, 11, 12, 84, 89, 90, 92, 100, 102, 178

Expressão de sentimentos 96, 97, 98, 106

Expressionismo 116, 122, 126, 127, 140, 222

F

Fagote 188

Filosofia da diferença 57, 64

G

Gestão cultural 23, 25, 27, 31, 32, 34, 44, 50, 59, 173

Gestor cultural 21, 22, 28, 31, 32, 33, 34, 59, 60, 63

Giancarlo Mecarelli 21, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33

Guarani-Kaiowá 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 94

I

Identidade 29, 44, 50, 57, 59, 62, 63, 65, 69, 72, 75, 76, 80, 88, 90, 92, 94, 97, 106, 133, 168, 171, 209, 212

Ilustrações 132, 137, 223

L

Lógicas operacionais 1

M

Motivos paisagísticos 140

Mulheres negras 96, 98, 99, 101, 102, 105, 106, 107

Museu 15, 49, 93, 118, 131, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 173

Musicoterapia 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108

N

Neuro ciências 132

Novas estratégias urbanas 163

P

Paraty 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

Paraty em foco 34

Performance 99, 157, 159, 161, 188

Pintores canários contemporâneos 140

Pintura moderna 116, 125, 155

Pinturas 118, 127, 132, 142, 144, 156, 214, 215, 217, 219, 222, 224

Políticas culturais 25, 28, 34, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 62, 63

Povo surdo 65, 69, 75

Produtos alimentícios não convencionais 109

R

Reacção à era tecnológica 140

Reconhecimento 16, 21, 33, 45, 49, 50, 65, 70, 74, 75, 76, 77, 87, 92, 116, 117, 127, 128, 130, 217

Redistribuição 65, 70, 76

Regeneração urbana 163

Romantismo 132, 140

S

Sustentabilidade 14, 43, 59, 110, 166

T

Tunga 157, 158, 159, 160, 161, 162

V

Videoarte 175, 176, 184, 185

Violência simbólica 80

ARTE

Multiculturalismo e diversidade cultural

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  @atenaeditora
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



ARTE

Multiculturalismo e diversidade cultural

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

